



# Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XVII — N.º 460 — Preço 1\$  
28 DE OUTUBRO DE 1961

REDACÇÃO: ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO \* PAÇO DE SOUSA  
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA \* DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA \* AVENÇA \* QUINZENÁRIO  
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

## ONDE HOVER JUSTIÇA E AMOR, AÍ HÁ PAZ!

Nós não sabemos mais nada. Não nos compete, mesmo, saber mais nada. Enquanto voz que recebe o som e o tom da Mãe Igreja, e insiste que onde houver Justiça e Amor, aí há Paz. Lembrar e insistir que também a contraditória é verdadeira: jamais haverá Paz onde faltar a Justiça e o Amor. Pode haver ordem... Pode, mesmo, haver aparência de tranquilidade... Mas é que a ordem é mais imposta pela estaca do que posta pela rigidez do tronco. E a estaca não está enraizada!... Sempre irá enfraquecendo em cada inverno, até à podridão!... Se o tronco não tem consistência, como pode estar tranquilo, à cerca do seu porte no futuro?! E se parece está-lo, não será inconsciência o nome próprio dessa tranquilidade?!

As preocupações de «O Gaiato» em seus 18 anos de vida, sempre se definiram por duas coordenadas: Amor, por abscissa; Justiça, por ordenada. De cada

ponto deste plano nasce um eixo vertical, ascendente, que dá a terceira dimensão: a Paz.

É o Amor a alimentar a Justiça. É o Amor e a Justiça a gerarem a Paz.

No eixo do Amor podemos situar os valores de educação (Apetecia-me dizer de humanização). No eixo da Justiça os valores económicos. A cota negativa em ambos define um estado do infra-plano que é a Miséria. De cada ponto deste plano desce um eixo vertical, que começa por se chamar de Inquietação e acaba por se chamar de Revolta.

De facto, a Miséria, tanto ou mais que debilidade económica, é carência de educação.

Quando o nível educacional (Apetecia-me dizer: humano) é bom, sempre se produz a reacção contra a debilidade económica. Por isso, acudir a esta, sem tratar daquele — deixa-nos por perto!

A Justiça, só por si, sem a fecundação do Amor, não pode produzir a Paz. O homem real, filho de Adão, sempre se dividirá entre Caim e Abel. Dar a cada um aquilo a que o outro tem direito — não podemos esperar que seja a decisão firme de toda a vontade livre, porquanto realmente é muito difícil ao homem libertar-se do peso morto das suas paixões, as quais lhe entenebrece a inteligência e o fazem criar um mundo seu em que a Verdade, valor absoluto, cede o seu lugar de direito a todos os relativismos.

É assim que o homem, em busca da Justiça, sempre tem escorregado entre extremos, em que não encontra o equilíbrio. As suas teorias económicas, as leis de Finança que arbitra, as técnicas que inventa, esquecendo o homem, acabam por atropelá-lo: para servir alguns homens — segundo um conceito; para servir a Humanidade abstracta — segundo o conceito diametralmente oposto.

Pelo contrário, as teorias e as leis e as técnicas são para servir todo o homem que vem a este mundo. Tem que contar com ele, dotá-lo com as capacidades mais diversas — convidando todos a porem em comum os seus talentos com uma vontade aberta, simples, fraternal, em ordem ao bem da comunidade.

## Tribuna de Coimbra

Se não fôssemos ver como irmãos nossos vivem, apesar do aspecto às vezes airoso e confortável das casas que habitam, nós não acreditaríamos. E mesmo que acreditássemos, seria só uma aceitação externa.

Quando em conversa com alguém expomos casos que nos fizeram sangrar e vemos que não penetram em quem nos escuta; ou quando nas viagens ao Património dos Pobres encontramos situações que nos ferem profundamente e notamos por vezes que párocos e vicentinos não se impressionam intimamente, temo de concluir com a frase do nosso povo: longe da vista, longe do coração; que se aguentem e não nos incomodem.

Desta vez foi o presidente da conferência vicentina da cidade que me escreveu. Impressionou-me muito a carta; aproveitei e fui por aí fora ver com os meus olhos, pois nem sempre é exacto quanto nos dizem. À entrada

continua na segunda página

## ANIVERSÁRIO DE PAI AMÉRICO

Seriam os 74 anos. Digo seriam, não porque não sejam para nós, mas porque a Eternidade é negação do tempo e Pai Américo pertence à Eternidade. Para ele já não contam os anos. A sua vida — assim o esperamos — é um eterno presente, face a face com Deus.

É por causa desta presença que o sentimento também tão presente a nós, vivendo connosco as «necessárias vicissitudes da Obra», posto a sua condição já não seja de sofrer. Sofreu-as, «até ao desgaste final — a morte». Sofreu-as por amor e em união aos sofrimentos d'Aquele que um dia o enameorou e o pediu para sempre na Sua Paixão. «Jesus, o Apaixonante, a fazer apaixonados!»

Pai Américo foi um apaixonado. A sua paixão era Jesus «e este crucificado». Nunca esquecerei as vezes que lhe ouvi a impressão da descoberta feita em um retiro, e depois frequentemente saboreada, da cena da Transfiguração; melhor, do fim dessa cena: Os Apóstolos levantaram os olhos e nada viram «nisi solum Jesum». Foi esse Jesus, «só Jesus», o filho do Carpinteiro, o «Apaixonante» que o apaixonou. Foi Ele, presente e vivo nas pessoas dos «mais pequeninos dos irmãos», humanamente ainda menos, e com certeza menos sedutores que Jesus de Nazaré.

Quando um homem, pela suprema força do amor, se liberta na voluntária prisão da Cruz de Cristo — o prémio é ser também, por participação, «apaixonante, a fazer apaixonados». Ele foi um desses livres prisioneiros. O prémio destes é a sua Glória.

Este dia, que para Pai Américo seria o dos seus 74 anos e para nós é, foi passado

continua na 2.ª página



Cá volto de novo ao assunto. Aqui estou mais uma vez a falar-vos do Barredo e do Centro Social formado para o servir.

Hoje venho dar-vos notícias e dizer que já está aprovado o programa inicial a realizar. Ei-lo:

1) — Jardim infantil para as crianças dos três aos seis anos, a funcionar de manhã e de tarde, destinado às crianças mais pobres, especialmente aquelas cujas mães trabalham fora de casa. Três refeições por dia. Assistência clínica. Uma cuidadosa acção educativa.

2) — Sala de estudo para as crianças em idade escolar, com o fornecimento de uma refeição (pequeno almoço ou merenda).

3) — Visitas com fins instrutivos e passeios.

# BARREDO

4) — Biblioteca com jornais, revistas e livros interessando as diferentes idades e sexos dos frequentadores do Centro.

5) — Jogos e diversões apropriadas para todos.

6) — Cursos de adultos, a funcionar à noite.

7) — Cursos de aperfeiçoamento, a organizar conforme as necessidades. Por exemplo: dactilografia, corte, etc.

8) — Ensino familiar e doméstico para raparigas que trabalham e reuniões com mães de família para troca

de impressões sobre problemas educativos.

9) — Reuniões culturais. Pequenas palestras, leituras, música, teatro.

10) — Festas frequentes para proporcionar meios sãos de distração.

11) — Organização de grupos — a fomentar entre raparigas e rapazes que se interessem por determinadas actividades: desporto, teatro, canto coral, etc.

12) — Contactos individuais pelas assistentes sociais, tanto no Centro como domiciliários, procurando prestar ajuda na resolução de problemas e dificuldades.

Esta acção educativa será completada com um programa de assistência médica domiciliária e com a instalação, em edifício separado, de uma cantina destinada a fornecer refeições em condições especiais.

Procura-se, desta forma, tirar o máximo rendimento possível das instalações do Centro, aproveitando todas as disponibilidades que proporciona e utilizando as suas dependências desde pela manhã até à noite.

Agora, Amigos, escutem: este programa só pode ser cumprido com o vosso auxílio. Não temos dinheiro para acabar de fazer as contas com o nosso empreiteiro. Não temos dinheiro para comprar o mobiliário indispensável. Não temos ainda um tostão certo para assegurar o funcionamento do Centro. Mas temos uma grande esperança. Melhor: temos uma inteira certeza — a da generosidade infinita do teu coração. Essa certeza, de que não duvidamos um só momento, basta-nos como garantia para prosseguir. Vamos comprar a crédito. Vamos abrir o novo edifício sem ter assegurada qualquer receita porque confiamos plenamente em ti.

P. S. — Basta dirigir um postalzinho ao Secretariado de Acção Social das Conferências de S. Vicente de Paulo (R. Clemente Menéres, 76 — Porto) dizendo quanto e onde podemos mandar receber.

De todo o coração, de todo o nosso coração, principiamos já a agradecer-te.

M. Cruz

Visado pela  
Comissão de Censura

## Onde houver Justiça e Amor, aí há Paz!

Continuação da primeira página

Ora esta tarefa nem a inteligência nublada pelos reflexos das paixões, nem a vontade algo cativa delas — podem realizar. É preciso que um valor transcendente se enxerte nas duas faculdades e as tempere e as compense e as torne mais capazes do seu acto — conhecer a Verdade e agir conforme a Verdade, que é o Bem. Esse é o Amor, participação da vida d'Aquela cujo nome próprio é aquilo que Ele é: Amor.

O Amor é uma potência nova que fecha a brecha aberta pelo pecado e produz no homem a necessidade de se dar, de se comunicar aos outros para bem dos outros. É um valor de comunhão, de solidarização, que compromete os homens entre si e torna dependente da felicidade de todos a felicidade de cada um.

Só esta concepção permitirá ao homem reencontrar o equilíbrio do pensamento original de Deus, que Adão frustrou no dia do pecado.

Só pelo Amor, o homem será capaz de renunciar ao seu mundo, para estruturar o Mundo segundo o plano divino: Um grande Património que o Pai Comum criou para todos os seus filhos e lhes entregou, para que o «sujei-

tassem», o «dominassem» e «tudo o que ele contém», em ordem ao bem da Família Humana.

Não é fácil o Amor. Para o homem real, «vaso quebradiço»... e quebrado, ele é o termo de uma conquista que nunca está acabada, que jamais lhe dará tréguas. Por isso o homem se arreia e procura prescindir; mesmo o homem que vive em civilização dita cristã, o qual é menos Templo de Cristo vivo do que sepulcro de Cristo crucificado, que aí é encerrado para não deslustrar a festa dos homens («Aquele dia era Parasceve...!»)

Em seus 18 anos de vida, «O Gaiato», voz que recebe o som e o tom da Mãe Igreja, tem lutado, e lutará para convencer e conduzir os homens a esta Guerra Santa, pela conquista do Amor.

Ainda que às vezes se debruce sobre problemas económicos, ainda que sempre tenha como principalmente seus os que se referem à educação — ambos lhe interessam, enquanto elementos integrantes dos problemas humanos.

De resto, não sabe, nem se importa de saber, nem lhe compete mais nada senão somente lembrar e insistir esta verdade fundamental: Onde houver Justiça e Amor, aí há Paz.

## CARTA DO ULTRAMAR

Então que tal de saúde e graça de Deus?

Espero que realmente esteja ótimo e bem disposto na companhia de todos os nossos.

Estou-lhe a escrever não para pedir que me responda, embora espere dia após dia umas letrinhas suas,—pois qual dos filhos não espera ansiosamente palavras amigas e consoladoras de um pai?!

Sei que deve ter sofrido bastante nestes últimos tempos. Ele o Brasileiro II, ele o Russo, que fugiram e ainda a ida e o proceder do Gatito. E além de tudo isto a falta dos mais velhos. Tudo isto quanto o terá feito sofrer!

Graças ao Senhor, tenho acompanhado a Obra passo após passo. E não me esqueço de rezar e oferecer os meus insignificantes sacrifícios por todos os que trabalham, por amor de Deus, na Obra.

Sabe — tenho procurado mais que nunca combater os meus defeitos. E eles que são tantos meu Deus!... Reze por mim querido pai. À noite, principalmente quando estou de reforço, após ter rezado o inseparável terço, procuro meditar as minhas faltas durante o dia.

De «canhota» em bandoleira e a arma do cristão nas mãos, lá vou pedindo ao Pai do Céu, a minha perfeição.

Encontrei cá um rapaz que já estava esquecido que tinha estado debaixo das nossas telhas em Miranda. Arranjei um bom amigo. E só por ter chamado um

pouco à realidade este meu irmão, de igual modo filho da Obra, já tenho que dar graças a Deus por me ter empurrado para estas terras bem portuguesas.

A minha vida espiritual tem corrido mais ou menos. Pelo menos tenho pedido a Deus e procurado ser cada vez melhor filho seu.

Qualquer dia desta semana ou para a vindouira, passarei a visitar uma família, juntamente com um dos meus camaradas. Já combinámos — como digo ao Senhor Padre Manuel na carta anexa — juntar mais ou menos trinta escudos cada um e todos os domingos depois ou antes da Missa iremos levar géneros à família que o Pároco nos indicar.

Deus queira que o futuro capelão nos ajude para ver se reabrimos a Conferência que está adormecida.

Qualquer dia já lhe mando a notícia da primeira visita feita com o nosso pequeno pecúlio.

Estou em crer que poderíamos ter aqui uma Conferência boazinha, porque no meio desta podridão há alguns bons rapazes. Vamos a ver o que Deus quer.

Então os retiros dos rapazes foram bons não é verdade? E as vindimas? Foi um ano bom ou não?

Olhe: de saúde estou ótimo e bem disposto porque na graça do Senhor. Já fui ao Oftalmologista, mas não acusaram nada de maior os meus olhos. Apenas uns tratamentos e um xarope para

## TRIBUNA de Coimbra

Continuação da primeira página

do bairro perguntei por aquele nome. Era o último dos vinte moradores. Vá, Sr. Prior, que aquilo é tudo uma miséria, me disseram as mulherzinhas a quem me dirigi. Subi a escada, ao cimo da qual estava a mãe. A casa estava limpa e em ordem. Numa cama estava o pai dos filhos, embora legalmente não apareça o seu nome, pois não é o homem daquela mulher. Tem setenta anos e está paralisado há três. Ao lado uma filha de quinze anos completamente anormal. Na rua brincavam os dois mais novos, um de treze e outro de onze. Passam a maior parte do tempo na vadiagem e raro aparecem na

## Aniversário de Pai Américo

continuação da página UM

em simplicidade como o são todas as nossas datas festivas.

De manhã, a tornar o dia ainda mais festivo, houve o casamento de um dos nossos. Não é o primeiro. Há quatro anos foi o Fonseca. Há um o Luís, de Miranda do Corvo. Este foi o Carlitos.

Ao jantar — já é costume antigo — estiveram presentes os Pobres que os nossos vicentinos acompanham.

À tarde, a eleição do novo Chefe maior. À tardinha, o terço «melhorado», como se diz na nossa gíria.

A noite, um filme, com bonecos animados e tudo, tal qual Pai Américo gostava.



escola. Fui ali chamado por causa do mais novo, pois o resto da família não é certa.

Aquele dia era de outono quente e eu já ia cansado de voltas dadas. Sentei-me a um canto da cozinha e pedi a cédula do pequeno. Li o terrível «filho de pai incógnito» das leis portuguesas. Perguntei à mãe a razão de ser da omissão. São todos filhos daquele homem, mas ele é casado com outra. Tem setenta anos e ela quarenta e quatro. Ninguém ouviu esta conversa e eu calei-me e fiquei assim por instantes. Pensei na transgressão das regras que têm de orientar o Património dos Pobres. Pensei naquele lar ilegal e na situação tão miserável daquela família. Pensei no fruto do pecado de que são sempre vítimas directas os filhos. Pensei nas taras de todos eles. Naquela hora pensei em tudo isto e não fui capaz de dizer nada.

Chamei o pequenito que logo radiante foi calçar os sapatitos e não mais olhou para trás. A viagem foi sempre um espanto de coisas novas para ele. Já lá vão uns dias e ainda não perdeu o sorriso dos lábios e dos olhos. Eu tenho andado a sofrer activamente este choque.

Hoje chegou uma carta do Tribunal de Menores a pedir para recebermos um pequeno de nove anos, tido como delinquente. A mãe vive com um amante e outro filhinho numa horrível barraca.

E não temos um cantinho para ele.

Ao pensarmos em tudo isto e ao olharmos para estes nossos filhos, renovamos o nosso amor paternal e pedimos perdão das nossas impaciências pelas suas falhas.

Donde vieram eles, Senhor? Que seriam eles sem o nosso carinho, meu Deus?

Pensando nisto, continuamos alegremente com a nossa cruz.

Padre Horácio

# O que nos dão no Tojal

A falta de notícias tem atrasado muito a correspondência à generosidade dos nossos amigos. Ele tem sido roupas e donativos aos vendedores, ou o mesmo trazido em visitas à nossa Casa. Ele tem sido carradas de coisas, sobretudo roupas, no Montepio. Ali também listas mensais de amigos certos, generosos e espontâneos, que em donativos avultados ou pequenas migalhas não nos esquecem. Ele tem sido em vales de correio ou às vezes afoitamente metido em cartas.

Há dias inesperadamente um Sr. Engenheiro nos visitou no Lar. Nunca ninguém apareceu para visitar o nosso Lar! Não sei se com medo que tenhamos mudado (ainda não apareceu a suspirada casa!) se por desconhecimento do local. Foram quatro notas das maiores metidas na mão do Manuel Coco e à despedida o anel de brilhante. Certamente um tocado pela Graça, para se desprender tanto! Embrulhos com roupas e livros, assinaturas, promessas e visitas de grupos de filiados da Mocidade Portuguesa Feminina. E a masculina? É só o futebol, as praias, etc. Pobre juventude, sem ideal e desorientada!

Uma oferta no Banco E. Santo, de A. Vieira. E várias vezes para missas no fim de cada mês. E as prestações mensais de Engenheiro Gourinho e E. Rodrigues e Empregados da Mobil — esta grande família, tão simpaticamente amiga. E desta outra da Nestlé, mais pequena mas que nunca falta. E roupas pequenas e amorosas para os netinhos da Obra e Pobres das barracas de Lisboa. E uma avultada soma de uma amiga vizinha para melhorar o almoço dos gaiatos no dia do seu casamento. Outra a pedir as melhoras duma filha, a conversão do marido, a do cunhado, pelas melhoras dum sobrinho. Afecto traduzido em Fé e Esperança cristãs. Muitas vezes na caixa do correio do Lar um sobrescrito com 200\$. Alguém que sofre a sua doença e as nossas aflições e procura atenuar uma e outras desta maneira. Mais da Senhora do Externato de Mosca, mestra duas vezes. Mais a visita dum casal do Campo Grande no dia de Santo António com três notas para aplicar no que for mais útil.

Da Home International por intermédio do Senhor Governador Civil, um donativo de quinze contos. Foi a primeira grande ajuda para a nossa Colónia da Ericeira. Brevemente daremos notícias dela. Por enquanto ainda se lá mantém cerca de vinte rapazes a trabalhar com afinco para a deixar coberta antes do Inverno. Deus nos ajude com bom tempo. Duma vez 270\$00 duma cotização Mobil para um camarada que se encontrava doente e morreu inesperadamente. Que Deus tenha em paz o Senhor Marcelino.

Do Senhor Gil da Shell do Aeroporto quinhentos litros de gasolina, a lubrificação da nossa furgoneta sempre que precise e a promessa de mais. Que Deus lhe pague em bençãos e saúde.

A costumada visita do Bairro de Caselas. Como sempre trouxe-me o

tomar. Ainda esta semana vou tratar dos dentes pois dias antes de vir fui tirar um e o Sr. Dentista deixou-me cá um bocado e além disso parece que tenho um furado.

Sabe que mais, já me faltam dois. E assim a continuar chego aí desdentado.

Então esse Ernesto não me quer mandar umas letritas? Ai o maroto.

Esteja descansado que o diabinho não me tem feito mal, até tenho uns tostões guardados. Este já não me assusta. Não me diz nada sobre a carta anterior? Só gostava de saber a sua opinião!... Sem mais receba um grande xicorção deste seu humilde filho que muito lhe quer.

Damão, 4/10/961

Fernando Dias

peso da sua alegria e generosidade. Bem hajam. Mais de um católico «infelizmente pouco fervoroso, mas que mesmo assim Deus quis favorecer». A humildade é uma virtude dos Pobres e é um atalho para Deus. Da Farmácia Lemos da Amadora cinquenta e da F. Branco de Algés muitos mímos, muito carinho e muita ajuda na carne que nos compra todos os sábados.

Quinhentos escudos do mealheiro de cinco irmãos. E há dias outro tanto com roupas e brinquedos para os nossos. Que grande deve ser a recompensa daquela Mãe por ensinar tão bem aos seus filhos o amor aos outros. Família abençoada onde se respira a verdadeira felicidade cristã.

Com lágrimas de emoção, a primeira renda da casinha que compraram. É de Lucinda de Loures, entregue pelas mãos do marido. Em casa da Mãe da nossa D. Hortênsia, na Parede, mil em acção de graças a Pai Américo. E mais com o pedido de uma missa por Artur Ávila.

De Carlota de Santa Iria a costumada presença. Da G. N. R. de Loures duzentos, terço do valor dum objecto achado. Da Senhora do Jardim que há muito não aparece, peúgas, gravatas para os nossos professores de Miranda. Mais coisas e sementes para o nosso jardim. E para terminar a lista de hoje, temos a L. O. C. dos Anjos a confraternizar com os nossos rapazes. Vários foram os grupos que este ano nos visitaram, nos trouxeram a sua ajuda e carinho. Deus os ajude também.

P.e JOSÉ MARIA

## Noticias da Conferência da Nossa Aldeia

O caso do jornaleiro empenhado na construção de uma casa decente, continua a despertar interesse — apesar de, por falta de espaço, jamais tornarmos a tocar no assunto. Os leitores do *Famoso* são assim! Almas abertas, vivem religiosamente a dor dos seus irmãos Pobres, sedentos de uma vida material e espiritualmente digna.

Por motivos óbvios, o jornaleiro viu parar as obras: má compreensão do mestre que lha começou. Por isso, há dias, ele andava triste. Muito triste. Entretanto, mexeu-se e, agora, parece que a obra vai seguir definitivamente. Que a mulher espera bebé, o S. Miguel já passou, estamos à beira do Inverno — e não há tempo de perder tempo.

Aqui vão mais algumas presenças dos nossos amigos leitores que não cruzaram os braços:

Da Beira, Moçambique, 100\$. Das Caldas da Rainha queijo, uma lata de atum e 100\$. E de Lisboa, a assinante 7493: «Prometi por algum tempo enviar mil escudos para o jornaleiro que tinha um sonho no peito que era construir uma casa para ele e seus filhos. Queira Deus que o seu sonho se realize tão depressa como deseja. Vão mais 250\$00 para os Pobres da Conferência».

Independentemente desses donativos com fim determinado, há mais e mais para acusar recepção. Todavia, não podemos dispor de mais espaço.

Júlio Mendes

# CALVÁRIO



U já lhe conhecia a existência. Revelara-ma, um dia, uma Irmãzinha da Assunção. E essa mesma, regressada há pouco de França, me trouxe um opúsculo sobre a Obra. Tenho-o sob os meus olhos e medito a origem divina do Calvário. O pensamento, o nome... — há uma tal identidade entre o Calvário que nasceu em França, no peito de uma jovem viúva, M.me Garnier, e aquele que brotou do coração sacerdotal de Pai Américo, que só a explica a grande realidade de ser Um só, o verdadeiro Autor de ambas as Obras.

O Espírito sopra aonde quer. É Ele, mais ninguém, o Responsável por estes Movimentos de amor ao próximo que só o Amor de Deus pode arrancar e manter em marcha. E por isso que só Ele, e Ele sopra aonde quer, Pai Américo, sem saber da existência de M.me Garnier nem do seu Calvário, (chegado já a Bruxelas e a New York, depois das Casas de Lião, Paris, Marseilha, Bordéus e Saint-Etienne), é o escolhido para revelar aos homens de Portugal a urgência em que a maioria ainda não tinha reparado, desabituada como está de se debruçar sobre o irmão que sofre de muitos males e desse, que é o maior de todos: a ausência de amor fraterno.

E depois que Deus nos falou por ele, todos conhecemos a necessidade da Obra e nem compreendemos já como foi possível deixar-se tanto tempo no olvido o incurável pobre. Esta descoberta deixa-nos profundamente feliz e resseguro dos caminhos que trilhamos, porquanto é bem certo, cada vez mais certo, que estes caminhos são de Deus.

Calvário — o mesmo nome! Nome cheio de significado para quem tem Fé! Pois não foi no Calvário que Cristo nos reuniu? Não é o Calvário a porta do Céu?

Pois também o Calvário dos doentes incuráveis é porta do Céu, para tantos que acabariam no desespero se não fôra ele!

Calvário — o mesmo pensamento! Quereis ver, vós que já conheceis o programa que Pai Américo nos deixou para realizar, o qual vamos cumprindo ao sopro do Espírito? Pois transcrevo do pequenino opúsculo algumas das fundamentais linhas de acção de «Les Dames du Calvaire», essas senhoras viúvas, que, na peugada de M.me Garnier, dedicam a sua vida ao incurável.

«O Calvário é ainda acessível ao nosso amor.

O leito onde o doente está estendido como sobre uma cruz, é um Calvário, se no homem que sofre, reconhecemos o rosto do Crucificado.

«Les Dames du Calvaire» escolheram este lugar alto como terreno do seu serviço. Elas cuidam e consolam os cancerosos.

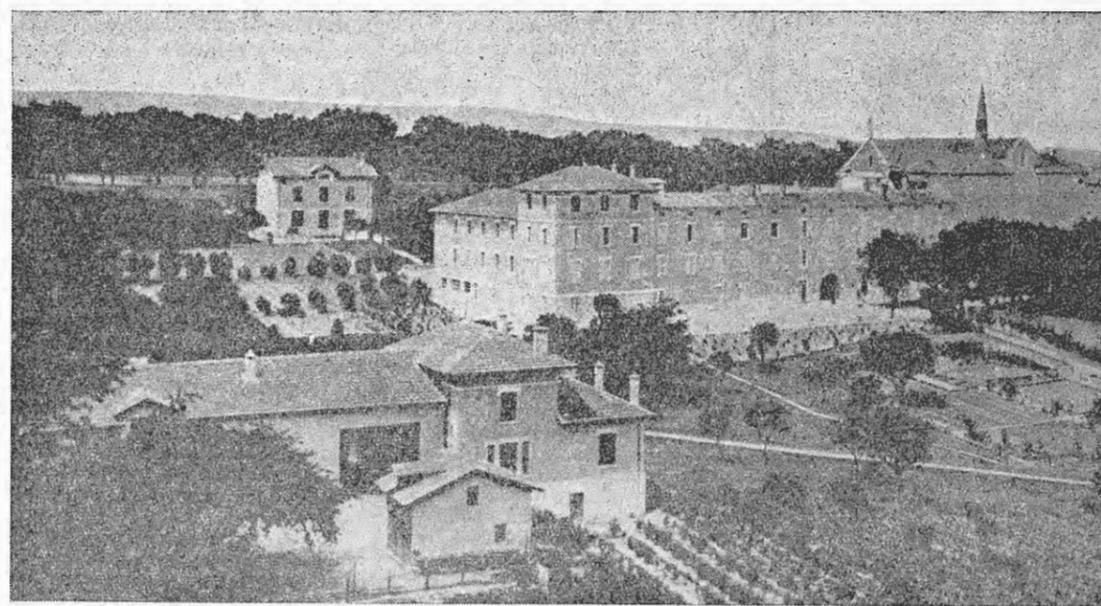
Os Hospitais não podem conservar os doentes cujo caso está acima das terapêuticas; e os serviços de incuráveis não estão organizados para o cuidado constante que eles exigem. *Les Dames du Calvaire* evitam aos doentes a promiscuidade, o anonimato, os cuidados sem amor. Oferecem-lhes um lar onde os seus dias se acabam em serenidade. (...) Discretamente, mais pela sua irradiação do que pelas suas palavras, elas orientam os espíritos para as realidades invisíveis, e, na medida em que a sua dedicação é cheia de carinho e delicadeza, elas levam os corações a acreditar no amor que a Caridade divina inspira.

Quantos doentes encontraram no Calvário a força para sofrer com paciência e a graça de morrer na Fé!

São precisos braços... São precisas almas... São precisos corações bem temperados para compreender todo o sofrimento e fazê-lo seu.

A nossa experiência, bem mais jovem, confere ponto por ponto, com a experiência de 70 anos de *Les Dames du Calvaire*. Padre Baptista que o diga! Certamente, ele voltará ao assunto logo que eu lhe passe o opúsculo que me fez escrever.

Que me fez escrever! Porquanto, diante duma tal coincidência que se ignorava, não fui capaz de não ajoelhar diante da grande realidade que a explica: Um só é o Espírito que dá aos homens de boa vontade o querer e o realizar. E Ele sopra aonde e quando quer.



A casa da fundação do Calvário em Sarra — Lião.

«Junto envio a importância de 100\$00 que é a quantia que costume enviar mensalmente, ao mesmo tempo vou fazer uma observação. Sempre que assisto ao Sacrifício da Missa cá em Rio Tinto, já há uns anos nunca cá vi, ou melhor, tive a alegria de ver por cá os Snrs. a fazer peditórios nesta grande freguesia de Portugal, igreja ou em qualquer capela.

## UMA CARTA

pregar, anunciar, a esta gente, fazer-lhe sentir que este jornal do Gaiato é necessário em todos os lares de Portugal. Eu já cá arranjei alguns assinantes, embora poucos. A sua presença muito influiria na sementeira do Jornal cá em Rio Tinto. O povo precisa de ser instruído e preparado para um mundo melhor que não leiam só os jornais que só tratam de política, de futebol e romances, e muitas más, que só conduzem ao materialismo. Uma freguesia como esta devia pelo menos 3.000 assinantes do Gaiato e possivelmente nem 500 tem! É tão pouco e tão preciso que os senhores venham e anunciem aos lares de Rio Tinto que tenham o jornal do Gaiato, embora alguns lares não estejam à altura de saborearem a leitura, mas nesse lar pode haver algum que faça com que os outros saboreem também. Precisamos tanto de boas leituras, de aprender, de aprender, de aprender... de luz espiritual. Nosso Senhor nos ilumine com a sua misericórdia de todos nós pecadores e nos auxilie a curar a nossa alma que o que nós precisamos, embora muitos pensem o contrário.

Um assinante

# Pobres

O meu quartel é cercado de arame farpado. As horas da refeição, em grande número, gente se acerca por detrás da cozinha, na ânsia de receber da comida que sobra das praças. São homens e mulheres: novos e velhos, de mistura com crianças. É um outro regimento sem farda, embora com dever, com uma missão. Eu sei que não é de hoje este regimento de pobreza. Ontem já era, e antes de ontem já eu presenciei o mesmo e fui testemunha de «corpo presente» quando vadiava em Lisboa. Eu fui preso à porta dum quartel. Por conhecer, é que eu mais me tenho abeirado desses pobres famintos, que, do lado de lá dos arames farpados, pedem humildemente um «bocadinho de pão».

Só quem nunca sentiu essa necessidade, poderá descrever desta petição. Vendo mulheres e homens novos a pedir do rancho dos quartéis, haverá quem diga: «Vão trabalhar».

E eu digo que nem sempre há onde e em que trabalhar, nem sempre se tem força para isso. Eu sei dum rapaz, que depois de trabalhar dois dias, a acarretar

baldes de cascalho e cimento para uma obra, teve que desistir, porque a fome e o sono eram tantos que, por várias vezes, caiu com o balde de massa ao ombro. Porquê? — Não tinha que comer, e dormia nos portais da cidade de Lisboa.

Aqui tens porque vês gente nova à porta dos quartéis à procura do rancho para mitigar a fome. E teremos que dar graças a Deus se a miséria for só isto, se essa miséria não for mais além. Infelizmente, há rapazes novos que, saturados desta pobreza, procuram a «Miséria» degradante, e raparigas que são levadas à miséria pecadora, porque envergonhadas de estender a mão à Caridade. A fome faz, de muita gente pobre, miseráveis. A fome por vezes arrasta à corrupção. Não sei se tu ouves ou não este brado, sentido com dor. Não te atribuo culpas, nem te enalteço. É o que é, e é meu desejo mostrar-te o que vejo, no intuito de te ajudar a «ver».

Hoje é domingo. Estávamos a acabar a terceira eleição. O regimento fardado já jantou. Fora dos arames está o outro regimento, com fome. Esperam que alguém lhes bote alguma comida nas latas.

Um Cabo vem e diz que os porcos precisam de comer, que está escrito que é proibido dar de comer aos pobres. E ele reco-

lhe a comida boa, e mistura-a no caldeiro que vai para os cevados. Há discussão silenciosa entre os que têm fome, e o que não vê, e julga cumprir a lei. Nisto, há um outro Cabo, que agarra a criança que está ao colo da Mãe, e levou-a com cuidado para o refeitório. Fui dar com ele, sentado com a criança ao colo, dando-lhe de comer do seu próprio prato. «Lembra-me os meus filhos», diz ele quando chego ao pé. Tem dois e está em vésperas de ser pai do terceiro. «Eu, se comesse, sem primeiro dar a esta criança, de certeza que vomitava tudo».

Que lição! E este rapaz é tido aqui como mau!... Mais um a mostrar a verdade de Pai Américo: «Não há rapazes maus». Podia ser castigado, mas isso que importava, se isso nem sequer lhe passou pela ideia, e se passou, outro dever, mais DEVER. Lhe impuzha o cumprimento!

Se não fora a dor, a melhor razão, talvez ele tivesse medo de infringir a ordem superior. Mas não. Ele sente a ausência dos filhos, e vê-os naquela criança que arrancou ao colo da Mãe, para lhe matar a fome.

A LEI é só uma, e o contrário é mentira, é ultraje: «Ama o teu irmão, por amor a Deus como a ti mesmo».

Ernesto Pinto

## Visitantes

A grande época terminou.

De ora em diante os domingos bonitos trazem-nos ainda muita gente. Mas já não há excursões. São carros. São famílias que vêm por aí no gosto pacato e amigo de tomar o sol e rever esta Obra que lhes conquistou um pedacito do coração. Agora, geralmente, incluem Beire no percurso. E quando vieram por lá, deixam-nos aqui os ecos da sua impressão do Calvário. É um transbordar!

Há vários anos já que são os «Bairristas do Palácio» quem fecha a estação. Não vêm por turismo. O programa é fielmente repetido, tal como a intenção perseverada.

Por essas 10 horas aí estão. Os mais anos era no cemitério. Este foi na nossa capela. Preveniu-se o grupo e todos desfilarão diante do túmulo de Pai Américo, ordeiramente, como pede a sacralidade do lugar. Silenciosamente iam passando um a um ou dois a dois, genuflectiam diante do Sacrário e saíam. Nosso Senhor devia estar satisfeito.

Na Casa Mãe fizeram a sua entrega para o Património dos Pobres. Mais uma volta e retiraram para almoçar em Penafiel, após o que foi a visita a Beire. A tardinha encontra-os no Porto.

É simpática esta presença das excursões durante todo o verão. Regra geral aqueles que as compõem têm o sentido do respeito devido ao lugar que pisam. Aqui é um Santuário de Almas. E em um Santuário não se entra de ânimo leve. Ora às vezes há uma ou outra excepção: uns que tomam a quinta por logradouro público, as ramadas e as fruteiras por terra de ninguém — e se servem; outros que armam festa e arraial adentro dos nossos muros sem se lembrarem de onde estão. Honra lhes seja, sobretudo a estes últimos, que sempre têm acatado bem a observação que temos de lhes fazer.

Há outro risco nesta abundância de excursões: São os corações vulnerados dos nossos em quem começa a espreitar o bigodito! Mas o mal tem-se curado sem ir à farmácia!

Sejam bem vindos, pois, os nossos visitantes e oxalá o próximo ano eles sejam todos da regra geral, nenhum da excepção.

## SETUBAL

As grandes realizações do mundo que assombam e desorientam os homens de contas e do papel selado têm a sua base nas forças espirituais e o seu segredo no Evangelho, escondido na palavra do Mestre: Procura em tudo o Reino de Deus e o mais está assegurado. Escreveu Pai Américo por alturas de 1940. Ele não tinha ainda concretizado na sua obra esta verdade perene mas a sua vida era viver dela. Ao longe parece utopia. É, no entanto, o optimismo do Evangelho. O homem que viveu assim passou, para muitos crentezinhos, mais como um sonhador do que um realizador de rara perfeição.

A sombra deste gigante, na convivência plena da nossa pequenez sem limites, mas iluminados pela mesma fé e a participar da mesma vida, achamo-nos, sem o querer, a assombrar e a desorientar os homens das contas. Vivemos horas de aflição, é certo, mas temos encontrado sempre a Mão de Deus no pouquinho que aqui e ali vai sendo depositado, por amor d'Ele, nas nossas mãos indignas. Hoje foi uma cama de ferro com enxergão e colchão. Que jeito ela veio fazer! E mais uma caixa de conserva a uma porta. Noutra cem escudos. Numa Capela setenta. Ontem cem dum graça por intermédio de Pai Américo, oito tanques de cimento e promessa de mil escudos para um actor que pensamos adquirir. Quem quer juntar-se a este senhor, ajudando-nos a valorizar os meios de enriquecimento dos nossos rapazes? Quem quer? Por intermédio dum padre quinhentos! Douro sacerdote que está sempre a dar cinquenta pró pão da merenda em dia que não tenhamos mais nada! Douro sacerdote mais cem. Nesta procissão vão muitos padres. Que bom! São as esmolas que eu mais aprecio. Dum amigo, antigo setubalense residente em Lisboa, quinhentos por três vezes. Que Deus o encha de felicidades! Dum dirigente da U. E. P. roupa e um belíssimo sobretudo. Vem aí o Inverno. Como os meus rapazes se vão sentir aquecidos!...

A Quinta do Anjo continua cada vez mais interessada. Veio fazer-nos uma visita. Autocarros, camionetas, automóveis, e bicicletas. Trouxe-nos os seus mimos: dinheiro em subscrição pública 322\$80, esmolas particulares, intenções de missa com sacrifícios inerentes, fruta, vinho e mercearia. Temos lá muitos amigos e somo-lo de toda a gente. De Águas de Moura, cem. «É prós seus rapazes». Aqui sabe-se bem que eles são meus e muito me custam. Muitas carradas de lenha da Herdade do Zambujal e vamos continuar a carregar. O nosso forno e o fogão consomem muita durante um mês.

Zélia, cinquenta; Andorinha outro tanto e visitantes cem. Durante o Verão corremos as praias a pregar o amor do próximo. De Sesimbra e Santana trouxemos rentinho aos quatro contos. De Sines 5.200\$00. Da Costa da Caparica 4.800\$00. Do Estoril cinco mil. O resto deixei-o ao Padre José Maria. Ele pertencia-lhe tudo mas as nossas necessidades são tantas!... Da Praia das Maças e Colares 10.000\$00, do Portinho 700\$. Conto passar pelas igrejas de Setúbal; mais que em qualquer lugar tenho aí tanto que dizer.

De alguém que serve em Lisboa 500\$00. Em memória de Joana e Sílvia 100\$00. «A esmola cobre a multidão dos pecados». Visitas e roupa para o Calvário e mais setenta. Vicentinos de Santo Condestável 190\$00. Mais visitas cem. A Casa das Louças outra vez com cem copos de alumínio e malgas pró café. Ao Zé Maria 50\$00+20\$00 e + 80\$00 da Senhora D. Júlia. Dum amigo, presente, tantas vezes, com a sua sacrificada dádiva mais mil, na despedida. Uma vaca bem raçada prá nossa vacaria de alguém que nos quer ajudar.

Conserva do Senhor Gargalo! É quem nos tem acudido. Foram cinco caixas das grandes, por duas vezes! E muito mais amor que nos ajuda a amar!

PADRE ACILIO

## CASOS DO MOMENTO

FUGITIVOS. Dentre estes, tem-se destacado o Lobo. Ora o Lobo, como foge muitas vezes e sem razão foi desta vez castigado. Ele já é um homenzinho. Já tem na sua lista uma boa meia dúzia de fugas e isto não está bem, pois outros farão o mesmo e verão que estaremos sempre prontos para as «exigências» dos meninos...

Foi ao tribunal e ficou com a pena de 15 dias de folga por sua conta em todos os lados, menos aqui.

Acontece que tem andado por aqui perto a rondar, o que prova que não gostou muito. São as «boas» pessoas que lamentam tamanho procedimento de quem legisla, mas a verdade é que se fossem seus filhos, pela certa, cairiam no mesmo mal não levaria muito. O Lobo deve ter ficado cheio e concerteza que prefere, de futuro, andar sempre no povoado...

ESTUDANTES: Ramada e Adolfo já começaram novo período escolar e é de crer, como até aqui, que tenham cem por cento de aproveitamento. Dão-se oportunidades aos rapazes. Dão-se estímulos. Distribui-se amor e não temos dúvida que eles aprendem também a amar. São dois dos melhores tipógrafos e da sua aplicação, do seu esforço, todos teremos a lucrar. Andam animados da melhor maneira e já são nns bons pregoeiros do nosso ideal. Que nunca esqueçam de dar aquilo que têm vindo a receber.

DESPORTO: Também o desporto cá em casa é um dos pontos por onde se procura educar. Nem sempre as coisas correm de feição, mas não há dúvida de que todos gostam e têm procurado emendar-se e o nosso grupo anda assim de vento em popa. Fazemos uma pequenina escola de jogadores e de educação física. Muitos grupos pretendem defrontar o nosso em jogos amigáveis e a prova é que sempre nos temos saído airoso e aqui para o futuro ainda será melhor para bem de todos.

AVARIAS: Nelas está meio mundo metido. O Tira-Olhos é um deles. Agora é electricista mas as electricidades nada têm progredido. Na Tipografia e demais oficinas, as máquinas a cada passo estão paradas. Quem foi? Tira-Olhos... Quem está a fazer barulho? Tira-Olhos... Quem anda nas cow boyadas? O respectivo...

Agora dá uma volta pela cozinha e é ele quem tem tirado a sopa. As sardinhas faltaram. Ele com algumas no papo e outras escondidas, com guias de marcha. A Senhora ralha. Fagulha e Zé Carraças pegam ao soco. Papagaio — outro passarão dos diabos e Antero padeiro, assistem. Sepadre Carlos entra e pergunta pelo atraso do almoço. É da lenha, respondem prazenteiros. O

Peniche também não manda as nabiças a tempo. Achando que não basta ainda, Tira-Olhos começa de mondar as nabiças e ir comendo mesmo do panelão. Só visto...

AVELINO. O nosso Avelino Santos, chefe da Administração do Gaiato e que muito estimamos, Foi agora brindado com mais uma menina. Foi baptizada no dia 15 e tem o nome de Maria do Rosário. Fomos visitá-la e gostámos muito. Que linda que ela é! O Senhor Tomás, que é o Avô feliz e o padrinho mai-la Zinha, mas o primeiro diz que está a ficar «velhote»... Nós, lá estaremos também, pois já se sabe...

Parabéns ao Santos e à sua esposa Maria José, pois é um casal que estimamos muito.

ZÉ CARAÇAS. É o Zé Carraças. Ele agora é o cozinheiro e tem muito jeito para este modo de vida. Põe a cabeça da Sedona Sofia em palpos de aranha, mas quando lhe dá para trabalhar, é realmente um rapaz com vocação e há-de progredir mais. É apodado cá em casa do homem do caldo verde e a verdade é que se tem saído sempre bem. Já anda a pedir para fazer uma sopa de bacalhau e queira Deus que não dê «barraca»... Como acontece com todos os cozinheiros, tem muitos e muitos compadres e o Sepadre Manuel anda sempre de olho alerta para ver se não deixa haver «desenrascansos»... O Martins é um dos tais. Este já é amigo do Antero, e sócio certo para a semente. Agora na cozinha. Ele é tipógrafo e está tudo dito.

MONOTYPE. Tem aparecido muitas colocações para este género. Temos alguns a aprender, o Martins que já desfaz a barba. Ainda agora apareceu um para a Imprensa Nacional de Moçambique e ele é um dos indicados. É muito bem remunerado. Muito bom. O que é preciso agora é trabalho e dedicação, honestidade, predicados estes sem os quais o Sr. P.e Carlos não deixa sair. Vamos a ver. Temos máquinas, quem ensine, temos empregos, falta agora a aplicação para que se abram portas para mais e mais e mais...

COISAS. O Néquitá também já arranjou representante na Casa-Mãe. É o Famalicão. Este vem trazer à sua oficina boroa e o mais que pode apanhar. São muito amigos e «há que zelar pelos seus interesses»... Ainda agora estava na máquina de pedal. Cantava, tirava cartões de visita e um valente naco de boroa no tabuleiro do papel. Depois ainda é o que se estraga, depois o tribunal, a seguir aborrecimentos, depois, ai depois...

Daniel

